



ISSN: 2595-5713

Vol. 3 | Nº. 5 | Ano 2020

# EDITORIAL - CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

---

## COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO

**Alexandre António Timbane**  
**Ercílio Neves Brandão Langa**  
**Alyxandra Gomes Nunes**  
**Bas'Ílele Malomalo**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Jacimara Vieira dos Santos**  
**Marcos Carvalho Lopes**

### Site/Contato

#### Editores

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

## **PANDEMIA, NEGACIONISMO, MORTES, CRISE, DESEMPREGO, OLAVISMOS... 2020 SERÁ DIFÍCIL DE SER ESQUECIDO (OU LEMBRADO)!**

**Ivaldo Marciano de França Lima**

Não, não! O leitor e a leitora não estão lendo demais ou de menos.... Como não tivemos nenhum dossiê para este número, e como estávamos imersos nas notícias ruins do dia a dia, optamos por incluir nas letras garrafais aquilo que está tornando mais difícil o que já o é por si só. Sim, prezados leitor e leitora, é exatamente isso o que nós, pesquisadores, acadêmicos e estudiosos em geral também estamos enfrentando. E aqui não se trata de expor nenhum juízo de valor para nada, mas apenas constatar o que talvez vossas senhorias estejam sentindo na pele. Algumas vezes temos a impressão de que a tempestade vai continuar sem parar. Há momentos em que acreditamos que o tempo está tão ruim, mas tão ruim, que sentimos saudades de quando enfrentávamos uma ou outra dificuldade, mas que nem de longe se assemelhavam aos dias vividos na atualidade.

E que tempo! Discentes de programas de pós-graduação tendo suas bolsas cortadas, cientistas, pesquisadores de várias áreas com seus projetos de pesquisa cancelados, homens e mulheres perdendo seus empregos, ameaças de instabilidade para a ordem institucional por parte de um desqualificado (perdão, mas não encontrei adjetivos para nomear o dito cujo) que não sabe o que é ser presidente de uma República... E como se não bastasse, o vírus e a pandemia complementam o desastre e caos. Mortes, muitas mortes... Pessoas queridas, amadas, perdendo suas vidas por conta de uma desastrada e assassina política de Estado... E pessoas negando as mortes, o vírus, as doenças... O caos só se completa em meio a loucura implantada por aqueles que negam a ciência e se informam exclusivamente pelas redes sociais, ou, mais precisamente através dos contatos de suas bolhas. Sim, este é o contexto em que vivemos atualmente. Enfrentamos não apenas a pandemia, mas também os efeitos decorrentes de uma polarização que traz consigo os elementos de uma identidade política extremada, aonde os partícipes de um dado grupo rejeitam tudo o que é dito pelo suposto adversário, tornado inimigo a partir da estrutura filosófica disposta por aqueles que confundem amizade, alinhamento, razão e ciência. Eis os efeitos das certezas postas em sua condição extrema.

O que hoje se nomeia por olavismo, no caso, atitudes pautadas pela grosseria, visão curta e amparada em crenças absurdas, não deve ser percebido como algo exclusivo dos insanos associados ao negacionismo, e que na política se colocam, conforme convenção, no espectro da direita. Às vezes, indivíduos com algumas destas características são encontrados também nas esferas da academia e dos programas de pós-graduação. Quem são estes? Ora, são aqueles que confundem ciência com seu próprio engajamento social (ou com os desígnios de sua religião), e fazem de ambos algo de uma mesma esfera, esquecendo que para a primeira o exercício da

dúvida e da incerteza continua sendo elemento fundamental. Estes, inclusive, se apresentam como sendo “progressistas”, apesar de apresentarem, em alguns momentos, posições assemelhadas com aqueles que supostamente combatem. Celebram essências, como se as práticas, costumes, gestos, pensamentos, fazeres, dentre outros aspectos, fossem dotadas de uma substância primordial, imutável! É claro que a teoria deve estar vinculada, para não correremos o risco de fazer uma ciência desconectada da realidade; no entanto, a objetividade deve prevalecer. Somente assim, isto é, combatendo os essencialismos, é que a ciência pode servir aos movimentos sociais.

A análise de eventos, fenômenos e fatos não pode ser tomada por pressupostos dotados de apriorismos. É fundamental o estabelecimento do estranhamento, da dúvida, como forma de encontrar respostas que não destoe tanto daquilo que nos propomos traduzir. Ora, quando uma representação difere “da coisa representada” é sinal de que há algo errado no processo, no método utilizado. E isto é o que normalmente nomeamos por “enviesamento” da questão. Ciência é sinônimo de dúvida, de incerteza, e mesmo quando chegamos aos resultados, estes devem ser tomados como provisórios, pois o conhecimento se constrói desta forma. Não existe conhecimento definitivo, mas aquele possível de se conhecer, logo, a ciência deve ser pautada pela dúvida, cautela, incerteza e método, aliás, para esta última palavra, “distância” e “estranhamento” são companheiras inseparáveis.

E por que escrevo isso, devem estar se perguntando os ilustres leitor e leitora.... Bem, é que além de enfrentar crise, pandemia, cortes de verbas para pesquisas, desempregos, ainda no deparamos com afirmações destituídas de cientificidade. O continente africano, no dizer de alguns, deixa de ser um espaço habitado por povos, falantes de mais de duas mil línguas com práticas e costumes diversos, plurais, para serem reduzidos aos velhos conceitos homogeneizantes do colonialismo. São transformados em um só povo, representados exclusivamente pela cor de sua pele (o que por si só já revela desconhecimento das pessoas que habitam o continente, pois mesmo no tom escuro há diversas gradações da cor), como se fossem dotados de práticas universais, unas.... Para quem se dedica com afinco às pesquisas, ouvir ou ler determinadas frases não é algo fácil. Mas, isto é parte do processo. A África, na sua diversidade e riqueza cultural, não pode deixar-se capturar pelos discursos homogeneizadores de uma posição, seja a dos movimentos que julgam responder por ela, seja a dos que para ela têm uma solução profética. A dimensão crítica e de busca é a atitude sadia e científica de quem é obrigado, por dever profissional, a investigar e tratar os assuntos da história contemporânea. Que em breve tenhamos vacinas na terra que não é plana, e que o continente africano tenha sua condição de plural e múltiplo reconhecido por aqueles e aquelas que se dedicam a compreender/desvendar sua história!!!!

Cadernos de África Contemporânea insiste em viver, assim como seus mentores, organizados no Grupo de Pesquisa África do Século XX. Um periódico como este, a despeito das suas dificuldades, tem sua importância por levar conhecimento para a sociedade, divulgar artigos resultantes de pesquisas de estudiosos e estudiosas de várias partes do mundo, além de propiciar inspiração para novas pesquisas. É assim que se faz ciência, e será desta forma que faremos o conhecimento ser difundido, divulgado. É desta forma que procedemos também, em outros espaços, a exemplo do Youtube, no qual mantemos um canal de palestras, entrevistas e vídeos...

Mas, enfim, vamos ao que interessa, ou seja, ao número 05, do volume 03.... Este número traz consigo artigos de colegas brasileiros (da Bahia, como não poderia deixar de ser, mas também de São Paulo e do Rio Grande do Sul), moçambicanos e senegaleses. Nosso propósito é trazer o que há de melhor para nossos leitores, e isto se traduz nos textos deste número. Oito artigos integram a edição, indicando questões diversas sobre diferentes áreas e pontos de vista. Eis o escopo de Cadernos de África Contemporânea!

O primeiro artigo, intitulado **Estudo Etnográfico sobre os catadores de lixo da lixeira pública de Hulene (Maputo)**, de autoria de Fiel Orlando Matsinhe, Margarida Paulo e Alexandre António Timbane, traz uma bela discussão e reflexão a respeito dos modos como os catadores se veem perante a sociedade moçambicana, bem como de aspectos relacionados com importante tema, de grande relevância na sociedade atual: a reciclagem de resíduos sólidos. Os autores se valeram de entrevistas semiestruturadas e de pesquisa participante, o que por si só nos traz detalhes não apenas de como os catadores tecem suas vidas em um espaço visto com desprezo pela sociedade, mas também nos fazendo ver outros aspectos da Maputo contemporânea.

O segundo artigo, intitulado **Construção política e econômica entre Brasil e Angola de 1979 até o governo Luís Inácio Lula da Silva**, de autoria de José Francisco dos Santos, mostra os muitos aspectos que pautaram as políticas externas dos governos brasileiros em relação ao continente africano e Angola. Utilizando-se de revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas (além de larga expertise de pesquisa que reúne sobre o tema), o autor nos mostra questões de largo interesse para os desejosos na reflexão sobre as relações externas do Brasil, como também para àqueles interessados em perceber as contradições e ambiguidades entre política externa e interna. O artigo é bastante profícuo por trazer vozes de quem dispõe de análises acuradas sobre o tema. Aqui temos História e Relações Internacionais em perfeita harmonia, em um texto bastante elucidativo.

O terceiro artigo, intitulado **Lei 10639/2003 e as DCNERER: algumas considerações sobre os sentidos de África presentes nesses documentos**, de autoria de Cinthia Nolácio de Almeida Maia, nos brinda com uma instigante discussão sobre as relações entre os movimentos

sociais negros brasileiros, o pan-africanismo e as ressonâncias dos discursos destes sob a forma de conceitos e sentidos nos textos da lei 10639, nas DCNERER, bem como nas compreensões de militantes de movimentos sociais (e mesmo acadêmicos) de uma África una, essencializada e ligada a estereótipos que não se confirmam nas práticas e costumes existentes nos povos que habitam o continente africano. O artigo de Cinthia é extremamente necessário em tempos de espíritos agudizados e polarizados, nos fazendo ver que a condição de intelectual e acadêmico não deve ser pautada por certezas cristalizadas e distantes do que se pode confirmar no velho chão do que nomeamos por “realidade”.

O quarto artigo, intitulado **A figura do professor na literatura africana francófona no período colonial e pós-colonial**, de autoria de Detoubab Ndiaye, discute diferentes representações e performances de professores em alguns países do continente africano. O autor, senegalês de nascimento, se vale da profícua análise de diversas obras da literatura para discutir os modos como a figura do professor foi representada, indicando personagens com diferentes juízos e formatos. Por sua originalidade em analisar as performances professorais a partir das narrativas literárias, Detoubab Ndiaye nos mostra detalhes de como é a educação em alguns dos países do continente africano, além de ressaltar o poder que a Literatura dispõe em inventar/forjar e representar o cotidiano, acrescentando mais um ponto para a polêmica eterna de que é a vida que imita a arte, ou “a arte que imita a vida”.

O quinto artigo, intitulado **Colonização e o paradoxal emprego de degredados em Moçambique: por uma historicidade de um grupo marginal**, de autoria de Martinho Pedro, traz uma discussão sobre o uso de degredados (pessoas condenadas pela justiça na metrópole, no caso, em Portugal) no aparelho colonial em Moçambique. O autor se utiliza de documentação do período para analisar as contradições de um sistema que retirava os direitos de um indivíduo, em determinado espaço, mas lhe conferia outros, por absoluta escassez de recursos humanos para gerir e administrar aquela que era, no dizer do autor, a colônia mais precária em termos de recebimento de recursos e material humano. O autor também mostra as contradições de um colonialismo que se pautava pela condição inata da origem das pessoas. Um degredado, mas português, certamente teria mais valor do que um douto moçambicano. Esta questão, do degredado como passível de ocupar cargos na colônia, é classificada pelo autor como paradoxal, conduz o leitor para o entendimento da precariedade com que Portugal se valeu para gerir suas colônias, especialmente Moçambique.

O sexto artigo, intitulado **“A libertação da mulher é uma necessidade da revolução”:** **da organização da mulher angolana à organização da mulher moçambicana (1961-1975)**, de autoria de Júlia Tainá Monticeli Rocha, discute duas organizações de mulheres “Organização da mulher moçambicana (OMM) e a Organização da Mulher Angolana (OMA)” que foram

criadas durante o processo de luta pela independência de Moçambique e Angola. A autora faz uso de documentos oficiais da FRELIMO e MPLA, e analisa como estas organizações construíram, a partir dos seus discursos, sentidos diferentes para o conceito de mulher, que eram destoantes daqueles existentes nas sociedades angolana e moçambicana da época colonial. Julia Rocha, na análise da documentação, nos traz algumas questões importantes que apontam para a complexidade existente nos processos de libertação destes importantes países do continente africano. Aqui temos uma historiadora de larga competência, tratando de um tema espinhoso por natureza.

O sétimo artigo, intitulado **Lukaku, Kompany e companhia: uma análise da “contribuição” congoleza para a formação da “Geração De Ouro” do futebol masculino belga**, de autoria de Felipe Antônio Honorato e Guilherme Silva Pires de Freitas, apresenta uma excelente reflexão sobre o futebol da Bélgica, notadamente suas seleções das copas do mundo mais recentes, e as relações destas com os processos históricos da ex-colônia belga situada na África centro ocidental, a atual República Democrática do Congo (RDC). O artigo, construído a partir de profícua revisão bibliográfica, discorre sobre as identidades dos jogadores nascidos em famílias de migrantes, e de como estes propiciaram mudanças qualitativas no futebol belga. Vale a pena a leitura, sobretudo quando se trata de excelente conjugação entre futebol, história e Congo.

O oitavo e último artigo deste número, intitulado **Cooperação sul-sul: o papel do Programa de Estudante Convênio-Pós-Graduação para o desenvolvimento das Ciências Sociais em Moçambique**, de autoria de Katia Sara Henriques Xavier-Zeca Correio, discute algumas questões existentes nas relações internacionais entre os PALOP's, notadamente o PEC-PG, e de como este programa impactou o desenvolvimento social de Moçambique, especialmente as Ciências Sociais deste país. A autora faz uso dos recursos de pesquisa disponíveis nos sites da CAPES, de modo a verificar as teses de doutoramento defendidas por moçambicanos, além de fazer breve revisão bibliográfica que lhe permitisse discutir as relações deste programa com outros órgãos brasileiros.

Enfim, após esta não tão breve apresentação deste número, convido o leitor e a leitora para “maratonar” todos os artigos aqui dispostos, posto que estes sejam apoiados em revisões bibliográficas sólidas, além de aporte documental significativo. A leitura destes artigos garantirá ao leitor e a leitora um acréscimo significativo na sua erudição, além de propiciar diversão, ou ao algum tipo de prazer.... Portanto, café, água ou chá, cadeira bem preparada, e votos de boa leitura! É este o desejo deste editor, e de todos e todas que fazem a revista Cadernos de África Contemporânea!!!